

VIII Congreso Internacional Orbis Tertius de Teoría y Crítica Literaria. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria, La Plata, 2012.

A fronteira pampeana como local de resistênciã nos contos de Sergio Faraco.

Cardona Leites, Amalia.

Cita:

Cardona Leites, Amalia (2012). *A fronteira pampeana como local de resistênciã nos contos de Sergio Faraco*. VIII Congreso Internacional Orbis Tertius de Teoría y Crítica Literaria. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria, La Plata.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-088/44>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/ar/>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. *Acta Académica* fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A fronteira pampeana como local de resistência nos contos de Sergio Faraco

Amalia Cardona Leites
Universidade Federal de Santa Maria

Resumen

El precario desarrollo urbano de las ciudades periféricas de América del Sur es hasta hoy evidente para cualquier viajante que recorra el pampa gaucho brasileño y percibe la pobreza y la existencia miserable del gaucho, que resiste y lucha por su sobrevivencia en paisajes de conflicto constante. El objetivo de este trabajo es analizar cuatro cuentos del escritor brasileño Sergio Faraco, para intentar comprender como el contexto histórico de violencia y autoritarismo en la frontera sur de Brasil influenció la sociedad y el comportamiento de las personas que viven en esta región, y como la relación con la frontera interfiere en sus conceptos de vida y muerte. Para este análisis, trabajaremos con los conceptos de “entrelugar” y frontera desde la perspectiva de autores como Silviano Santiago, Eduardo Coutinho, Angel Rama y Simon Schwartzman. Pensar en fronteras significa entender los distintos modos de resistir en la vida y distintas sensibilidades. En el análisis de estos cuentos, lo que sobresale es la condición de miseria cultural y económica de los protagonistas que, ignorantes de su condición, se vuelven víctimas de un sistema autoritario no posible de contestar y, sobretodo, de lo cual no se puede escapar.

Palabras-clave

Autoritarismo - Frontera – Regionalidad – Sergio Faraco – Violencia

Sergio Faraco, um dos principais contistas gaúchos, escreveu a maior parte de sua produção nas décadas de 70 e 80. Autor de contos que se dividem entre os de temática urbana e rural, contudo, foi com as chamadas narrativas “regionalistas” que se consagrou no gênero e perante a crítica.

A ideia de que a presença da cor local seria uma forma de revitalizar a dimensão verdadeiramente humana das personagens e revigorar o Regionalismo é desenvolvida por críticas como Léa Masina, Gilda Bittencourt e Ana Mariza Filipouski. Na obra Percursos de Leitura (1994), Masina parte do princípio de que o Regionalismo, ainda que delimitado por características temporais como movimento literário, permanecia como tendência e fonte do surgimento do mito do gaúcho, transmitido pela tradição. Ao reconhecer o caráter reacionário deste Regionalismo, a autora percebe na obra de Sergio Faraco o viés da reflexão e da consciência crítica, ao desmistificar a figura do gaúcho com personagens cheios de medo, vergonha e desejo, impotentes em sua relação com o meio. A nostalgia do passado épico e glorioso não existe nestes contos, o homem se sujeita a seu destino miserável, e a velha oposição do Regionalismo com a metrópole desaparece, dando lugar a novas formas opositivas e novas relações circunstanciais.

Enquanto Léa Masina enfatiza as situações de travessia e passagem na obra do contista como forma de sobrevivência em um mundo rude e violento, Gilda Neves da Silva Bittencourt, em O conto sul-riograndense (1999) percebe sobretudo a forte identificação das personagens de Faraco com a realidade da campanha, agreste e rústica, e como os ideais de honra, amizade e lealdade são violados. Esta violação representaria a aprendizagem, o despertar para uma nova realidade, oposta ao mundo idealizado da juventude – e do Regionalismo tradicional. Segundo Bittencourt, a imagem da campanha como um mundo decadente destruiria as antigas crenças do Regionalismo, porém os textos de Faraco expressariam a ideia de que

mesmo diante do irremediável permanece a confiança na possibilidade de encontrar novos caminhos e reverter a situação.

A violação dos valores de lealdade e coragem, claros para Gilda Bittencourt, não ocorre – ao menos não da mesma forma – segundo a ótica de Ana Mariza Filipouski. Para ela, tais valores persistem exatamente por serem necessários aos afazeres característicos dos comerciantes ou peões que tem em sua rotina o contrabando e a lide campeira, e suas ações são legitimadas e melhor entendidas se compreendemos a importância do pampa como pano de fundo das narrativas - a região fronteira representa transição e mudança. Ademais, a humanidade dos gaúchos de Faraco, que lutam por uma sobrevivência digna, apontaria para a universalidade da narrativa, e finalmente, sua interação telúrica reafirmaria sua identidade e seu pertencimento a uma fronteira que não se restringe aos limites geográficos.

Estas diferentes análises da obra do contista ora sugerem que a relação das personagens de Faraco com a fronteira indica uma identidade firmada, sensação de pertencimento, e ora afirmam que tal relação aponta justamente o contrário, a ausência de identidade e o entre lugar. Acreditamos que seja, portanto, necessário compreender o papel da fronteira histórica para entendermos onde, exatamente, as personagens de Faraco estão a transitar.

Desde o ponto de vista político, a expressão “fronteira” refere-se às zonas e faixas de território existentes nos dois lados da linha divisória entre os Estados. No caso do Brasil, foi adotada como dimensão de sua fronteira o espaço de 150 km a partir da linha, mas na prática a zona fronteira diz respeito também – e principalmente - às fronteiras econômicas, sociais, culturais e ambientais. Historicamente, a fronteira rio-grandense passou pela experiência singular de ter sido praticamente a única fronteira viva do país, como afirma Simon Schwartzman (1988). Por viva, entenda-se um estado constante de violência e mobilização militar, já que, diferentemente das fronteiras mais ao norte, não havia barreiras naturais como florestas ou montanhas que delimitassem os territórios das colônias portuguesa e espanhola, o que acabou por originar inúmeros conflitos e, portanto, um estado de beligerância contínua em praticamente toda a população da região. A psicologia do gaúcho de fronteira, desta forma, teria sofrido influência de toda experiência militar que acontecia em seu ambiente, juntamente com a dicotomia portugueses-espanhóis, determinante até da economia: A vida econômica baseou-se, por muito tempo, em atividades predatórias contra os espanhóis, na captura do gado que pastava livremente pelos pampas, em ataques às missões jesuítas, e no contrabando entre os domínios espanhóis e portugueses, segundo Schwartzman. A militarização estava presente em todos os aspectos da vida.

Neste panorama repleto de resistências e revoltas a fronteira sempre foi o lugar da descoberta do outro e do desencontro, um espaço dinâmico e principalmente contraditório onde a separação política nunca logrou impedir o intercâmbio social e cultural. Rui Cunha Martins afirma que

O pressuposto é o de que a fronteira é hoje, fundamentalmente, uma metáfora (...) A novidade, a haver alguma, não radicará tanto na possibilidade da transgressão quanto, sobretudo, no culto dessa transgressão, na promoção da fronteira enquanto local promíscuo e, por isso, espaço natural de uma “subjetividade emergente”(Martins apud Golin, 2004,p.19).

Esta concepção de fronteira como local promíscuo onde se cultua a transgressão será empregada na medida em que se entende a “promiscuidade” no sentido original da palavra, indicando mistura confusa e desordenada, sem ordem nem distinção. Segundo Martins, a novidade aqui não é a ocorrência da transgressão, mas exatamente a elevação de seus status, que de exceção passará a ser regra - como nos contos A voz do coração, Homem e Noite de matar um homem.

Noite de matar um homem

Publicado originalmente em 1986, neste conto temos dois amigos, Pacho e o protagonista, contrabandistas da fronteira com o Uruguai que empreendem uma espécie de caçada humana em busca de outro chibeiro com quem estavam a disputar o território. O trabalho, que consistia em carregar mercadorias do Uruguai para o Brasil e vice-versa, já era pouco, e desde a chegada do forasteiro havia escasseado mais ainda.

Denominado Mouro, o estranho havia chegado em um momento em que os campos e matos livres da fronteira estavam diminuindo e portanto, o negócio era cada vez mais disputado. Para conquistar seu espaço, passa a usar da violência e atrai a atenção da polícia, mas como vive escondido no mato, é o protagonista, que mora com a família perto do Rio Uruguai, quem sofre com a situação e recebe a revista policial de tempos em tempos. A ousadia final do Mouro, que causa o auge da indignação e motiva a caçada, é o desvio de um barco carregado de uísque e cigarros americanos. A família reúne-se e dois homens são designados para matá-lo – o protagonista e seu primo, Pacho.

Na madrugada, os dois saem a caminhar atravessando campos e cercas, idealizando o momento da morte do Mouro como um aprendizado de vida, uma história para contar em “batizados e velórios”. Quando encontram seu alvo, ele está sentado na beira de uma fogueira, assando carne e tocando uma gaita de boca. Ao se prepararem para atirar, um bando de aves agita-se e chama a atenção do Mouro, o que provoca a fuga dos caçadores.

Aterrorizados e ao mesmo tempo constringidos por não terminarem sua missão e retirarem-se, retomam o caminho para casa, preocupados com o que seu tio irá dizer, até que se deparam com o inimigo no meio do mato, encostado em um tronco de árvore e observando-os. Nessa aproximação percebem que ele está ferido no rosto e no braço esquerdo – mas carrega algo prateado na outra mão. Em um átimo, ambos disparam suas armas e concretizam sua caçada, matando o forasteiro.

Só então percebem que o inimigo não estava armado, mas sim acompanhado da gaita de boca. Pacho chora abraçado em sua arma, o protagonista enche-se de horror:

Vomitei e vomitei de novo e já vinha outra ânsia, como se minha alma quisesse expulsar do corpo não apenas a comida velha, os sucos, mas também aquela noite aporreada, malparida, e a história daquele homem que aos meus pés estrebuchava como um porco. Recuei, não podia desviar os olhos e fui-me afastando e me urinava e me sentia sujo e envelhecido (Faraco, 2004,,p.42)

Ao voltarem para casa, cheios de tonturas e calafrios, em choque, mal conseguiam falar. “Entre el sueño y la verdad o trem da vida cobrava uma passagem mui salgada”, afirma o protagonista. A decisão que se anunciava como um símbolo de transição para o mundo adulto, o assassinato do oponente, mostrava-se de sua forma mais cruel. A morte à queima-roupa de um homem desarmado, que ainda tentou estabelecer um diálogo antes de ser baleado, choca-se com o ideal de justiça pelas próprias mãos que movia os personagens ao saírem de casa determinados a resolver o “problema” do forasteiro que disputava as mercadorias com a família.

O papel que o homem fronteiro precisa desempenhar no pampa não permite fraquezas desta espécie. A fronteira seria local de matar ou morrer, não possibilitaria diálogo ou meio-termo. O contraditório se dá na reação dos personagens que, inicialmente cheios de coragem e disposição, ao confrontarem-se com a realidade da morte revelam-se sensíveis e entristecidos. Sua reação interna, contudo, vai contra o que se espera do estereótipo do gaúcho bravo e destemido e portanto deve ser abafada, escondida. A transição para a idade adulta, com suas responsabilidades e consequências, é traumática e repleta de horror frente a chocante lógica do matar ou morrer. O amadurecimento forçado transmite novamente a ideia de impotência frente ao meio selvagem do pampa, local em que a sensibilidade é vista como fraqueza e quem portanto, deve ser abafada, disfarçada, de qualquer modo. Os protagonistas sofrem em silêncio:

Pacho, o pobre, dormia como delirado, eu também me emborrachara e tinha tonturas, calafrios, quase não podia falar. E adiantava falar? Choramingar que entre el sueño y la verdad o trem da vida cobrava uma passagem muy salgada? Isso o meu tio, na idade dele, estava podre de saber. - E o homem? – tornou, apreensivo.

- Nem fez mozza – pude responder, segurando-me na porta. – Se tem barco em Monte Caseros, pode mandar subir. (Ibid., p.43)

Sua sensibilidade deve-se somente à sua inexperiência - é o que lhes foi ensinado. E é a forma pela qual deverão orientar suas vidas. O chibeiro miserável, vivendo em uma terra sem lei, deve criar as suas próprias leis para conseguir seus sustento e permanecer no jogo.

A voz do coração

No conto “A voz do coração”, publicado pela primeira vez em 1995, temos um narrador protagonista que relata uma noite de caçada na região rural do pampa gaúcho, perto do rio Inhanduí. Ele e seus dois companheiros, Pacho e Maidana, eram perseguidos pelo proprietário das terras, acompanhado de outros homens e cachorros. O protagonista e Pacho decidem seguir a fuga pelo meio do mato mas Maidana, que não conhecia a fama de Orlando Faria, o dono da estância, decide ficar.

O narrador relata que Orlando, também chamado de Gordo, era conhecido na região por ter herdado de sua família um pedaço de campo que conseguiu aumentar gradativamente emprestando dinheiro a juros, ameaçando e expulsando os moradores das proximidades. Atribuía-se a ele, além disso, a ordem para torturar e mutilar um idoso que vivia sozinho devido a uma disputa por um pedaço de terra. João Fagundes, sua vítima, havia morrido abandonado em seu rancho e contava-se que desde então passara a assombrar as cercanias, montado em seu cavalo. Os companheiros de Orlando que naquele momento perseguiam o trio são descritos como “ralé endemoniada, sem coração, que por casa e comida perdia o respeito até pelos parentes.” (Ibid, p.52), e a eles também eram atribuídas inúmeras mortes.

No decorrer da fuga, o protagonista fere-se em um galho de árvore, mas mesmo assim eles conseguem atravessar o rio e refugiam-se em um local seguro. Após fazer um curativo no ferimento, os dois amigos ouvem o barulho de tiros juntamente com risadas, gritos, assovios e ganidos de cachorros. Maidana havia sido morto. Revoltados, o protagonista e Pacho estão completamente impotentes frente à tamanha injustiça. Um ser humano era morto por caçar animais silvestres dos pampas, e naquele momento seu corpo terminava de ser destruído por mordidas de cachorro.

Aqui cabe um parêntese nosso: os animais que os protagonistas estavam caçando eram avestruzes, nútrias e capivaras, típicos da região, que estariam ali independentemente de quem fosse o proprietário das terras. Não haviam sido roubados gado ou ovelhas, de alto valor de mercado. A propriedade em si continuava intacta. Além do mais, é importante lembrar que a carne dos animais caçados sequer poderia ser vendida legalmente, ou seja, serviria apenas para consumo próprio.

Retomando o caminho, agora do outro lado do rio, os caçadores ouvem um galope de cavalo e avistam um homem, provavelmente empregado de Orlando, tomando água na margem oposta. Decidem matá-lo para acertar as contas. O protagonista justifica-se:

E era preciso. Naquele cu do mundo, o que podia fazer um desgraçado senão ouvir a voz do coração? Alguém tinha de pagar e não só pelo Maidana. Também pela mulher que ia cair na vida, também pelo filho que, não morrendo pesteadado, ia ser ladrão que nem a gente (Ibid, p.55)

O trecho acima é extremamente significativo do conto, porque nos indica a condição dos personagens. Podemos afirmar que são pobres, não tem emprego fixo e vivem de roubos. Sua lógica, como demonstram suas atitudes, é a do “olho por olho, dente por dente”. Tal

lógica primitiva, contudo, contrasta com a sensibilidade do protagonista, que admira as estrelas, a lua e posteriormente relata seu sofrimento e sua vontade de chorar no momento em que o amigo é morto. Essa psicologia singular em que a violência, a humanidade e a sensibilidade coexistem, enreda-se ainda mais quando ele declara que, se não estivesse ferido, teria preferido matar o empregado da fazenda com uma faca no pescoço, ato muito mais pessoal e direto e que exige extremo sangue frio. Mas não nos precipitemos - classificar tal declaração como crueldade é simplificar a questão das relações de poder na narrativa. O estancieiro é o inimigo, está do lado oposto do protagonista, não pertencem ao mesmo grupo e portanto não são vistos como iguais. Orlando representa o poder econômico, a autoridade opressora e a manutenção da ordem. Do outro lado está a pobreza e a transgressão às leis. Nesta conjuntura, o interior do pampa gaúcho, região marcada historicamente pelo conflito violento de interesses e classes sociais, assemelha-se a um cenário de guerra. Na medida em que o oponente é reificado e tirado de sua condição humana, explicam-se os atos bárbaros advindos de ambos os lados e porque eles são percebidos com naturalidade:

“Mirei no meio das costas, e ao tiro seguiu-se um bater de asas, uma correria de capincho no mato e o eco se esganiçando em canhadas e barrancas daquele rio amargo.

O homem caiu de bruços entre as patas do cavalo.

-Me mataram – gritou. – Hijo de la gran puta, me mataram!

Como dois bichos, andando de quatro, nos metemos no mato e íamos ouvindo, cada vez mais espaçados, distantes, os gritos do moribundo. De repente um relincho atravessou a noite, e outro, e mais outro, e de repente não se ouviu mais nada. Caminhávamos.”(Ibid, p.55)

O conto acaba com este verbo de ação, indicando que a jornada dos caçadores continuará. Podemos deduzir que perseguições como esta, durante a noite, no meio do mato, terminadas em morte, eram uma constante naquela realidade, e seguiriam sendo. Os acontecimentos não transformam o protagonista nem causam maiores reflexões. A ideia transmitida é que matar e ser morto, nas fronteiras esquecidas do Rio Grande do Sul, não é nada mais do que parte do cotidiano. O que no conto anteriormente analisado, “Noite de matar um homem”, era novidade e amadurecimento forçado, aqui passa a ser apenas mais um fato ocorrido em uma noite qualquer da fronteira esquecida. Os protagonistas de agora são o que espera do gaúcho valente, que tem sentimento apenas pelos que lhe são caros e vingam a morte de um companheiro sem piedade ou conflito interno.

Hombre

A vida no pampa descrita nos contos anteriores aparece bastante mudada nesta narrativa. Os protagonistas – o narrador e, novamente, seu amigo Pacho – aqui saem em busca de uma capivara para comemorar o batizado do filho do último. O narrador, que havia ido embora para a cidade anos antes, já não possuía a mesma habilidade com elementos como o barco e a arma e virava motivo de chacota para seu primo. Em uma madrugada fria no rio Uruguai, desacostumado às atividades típicas do campo, enche-se de medos e preocupações.

Quando se deparam com a capivara, o protagonista erra o tiro e o animal foge, terminando com a possibilidade de comemoração do batizado com “algo mais substancial do que um pacote de mariolas”. Importante observar que naquela região sempre existiram grandes grupos do animal soltos pelos campos, mas como sua carne não podia ser legalmente comercializada, era destinada apenas à alimentação das próprias famílias dos caçadores. Originalmente a caça da capivara não era, portanto, uma forma de negócio ou de se fazer dinheiro, mas sim de sobreviver.

Contudo os tempos são outros, e para culminar com uma noite já condenada ao fracasso, os caçadores são surpreendidos por uma lancha com os empregados de Eugenio Tourn, um argentino rico que era proprietário de diversos campos e matos na costa do rio Uruguai.

Tendo as autoridades a seu lado, ele havia prometido exterminar os capincheiros da região, e para isso seus funcionários realizavam suas rondas no rio, pela noite:

Aquela gente que empreitava na cidade, dita maleva e traicionera pelos homens do rio, acampava no mato com comes e bebes a la farta e do mato só saía com ideia ruim. Não hesitavam em desgraçar um homem por causa de um reiúno baleado, e pouco lhes importava que aquela carne fedida tivesse por destino o bucho dos barrigudinhos que perambulavam, acá y allá, pela mísera ribeira. (Faraco, 2004,p.84)

O conflito campo versus cidade aqui se mostra com toda sua força. O homem da cidade é visto pelo do campo como mau e traidor, não digno de confiança. A lei no campo obedece a outras regras, e ainda que também seja violenta, é tida como mais justa e humana por considerar a importância da sobrevivência antes de tudo. E assim, a chalana é encontrada e recebida a tiros pelos integrantes da lancha. O protagonista se desespera e tudo que consegue é tentar esconder-se, sem ajudar o amigo na fuga. A reviravolta se dá quando Pacho revela que havia se prevenido e feito vários buracos no barco inimigo, o que impede uma perseguição mais violenta e provoca o afundamento da embarcação, com a morte de quase todos seus integrantes.

Ante o choque e o julgamento de seu interlocutor, Pacho explica seu posicionamento:

-Que eles começaram, começaram – cortou ele, num tom cheio de mágoa. – Isso aqui era um lugar bom. Carne trabalhosa, mas chegava, pele de nútria pra negócio e mais a pena do avestruz, de vez em quando uma chibada de perfume, cigarro americano...lembra? A gente se defendia e a vida era decente. Aí eles começaram a se adonar de tudo, até dos bichos do mato, e mandaram a lei e esses bandidos.(Ibid,p.86)

Junto com a lei, a contraditória vinda dos bandidos, que como justiceiros dos fazendeiros desequilibravam o ambiente antes livre da fronteira, provoca revolta e demonstra a impotência do chibeiro frente aos novos tempos. Ainda é preciso comer, ainda é preciso trabalhar, mas as opções são cada vez menores.

O protagonista tenta argumentar contra a tática de pagar violência com mais violência, ao que é surpreendido por Pacho, que afirma que o outro não entende porque não pertence mais àquele ambiente:

-Trocou o rio pela cidade, pela capital, virou homem de delicadezas, empregado de patrão, trocando a amizade dos amigos pelo esculacho dos endinheirados. Pra que serve tudo isso? Agora taí, um pobre-diabo que não presta pra mais nada. Dispara feio num capincho e no primeiro entrevero se borra nas calças.(Ibid,p.87)

Na geografia da fronteira gaúcha, não havia meio-termo para definir um homem. Afastar-se de seu meio e ir embora para a cidade significava virar as costas para suas raízes, renegar seu passado, perder o valor como ser humano. Sua atitude fracassada no momento mais tenso dos acontecimentos só havia comprovado a teoria de Pacho.

Mas paradoxalmente, após o conflito que havia se gerado, os amigos continuaram na chalana, bebendo ao afilhado e cantando até o amanhecer, restaurando a harmonia pelo resto do tempo. A música que cantavam falava de homens que “tenían algo más que leche en los cojones”, e calava fundo no coração do protagonista, agora um estrangeiro naquele grupo.

Em comparação com os contos anteriores, neste o que se destaca é a diferente atitude do protagonista – as características do fronteiro quase selvagem; que responde à lei do olho por olho, dente por dente; que mesmo em conflito com seu meio não adquire uma atitude passiva, aqui é transformada. O fronteiro se afastou de suas raízes, trocou o campo pela cidade, e isto implica uma profunda mudança de comportamento. O que antes eram atividades

cotidianas e necessárias para a sobrevivência na fronteira, como a caça e o confronto com a autoridade, agora passam a ser experiências traumáticas.

A identidade anterior não mais existia, pois ele havia trocado de lado – agora ele era o “outro”, estava do lado do inimigo e não conseguia compreender o que antes lhe era natural. Esta narrativa realça o destino da grande maioria dos homens do campo em um estado que estava se modernizando, onde os empregos no meio rural são cada vez mais escassos e é necessário abandonar as raízes para lutar por sobrevivência longe de casa e dos seus.

A história como elemento constitutivo da regionalidade e da resistência

Nos contos aqui analisados a morte aparece como algo banalizado, e para entender este aspecto é impossível separá-lo de seu contexto. O homem do campo precisa lidar com a morte diariamente, seja quando caça os animais silvestres ou quando abate seus próprios. As crianças nascem e crescem neste ambiente, sabendo que a morte é necessária para a manutenção de sua própria vida e desconhecendo conceitos como crueldade ou brutalidade. O que existe é a necessidade de sobrevivência, e é a partir desta ideia que os demais valores são construídos. A morte dos animais é necessária, tão necessária quanto a morte daqueles que prejudicam os negócios ou dos que assassinaram o amigo. Contudo, quando o homem está morto, inverte-se a cadeia alimentar e os animais adquirem o direito de se alimentar de seu corpo.

O historiador Tau Golin cita Rui Cunha Martins para auxiliar na compreensão da intrínseca violência nas regiões de fronteira. Ele entende que as fronteiras são o resultado do movimento que leva os homens a sair do seu estado natural, violento, para formar agrupamentos políticos. O enfrentamento entre estes agrupamentos provocaria o retorno ao estado de natureza – o que caracterizaria a fronteira como palco do inumano e do retorno ancestral à violência.

Lembremos que, na história platina, como em quase toda a América Latina, o conceito de nação era especialmente abstrato devido à carência de comunicação nas enormes extensões de terra, e portanto ele foi precedido pelo conceito de região, mais palpável e real para seus habitantes. Com o passar do tempo e o avanço da “civilização”, a fronteira passou a representar o ambiente onde “se encontraram ambíguas, tensas e em suas alteridades, a região e a nação .”

Este movimento, contudo, mostra-se contraditório ao levarmos em conta que os personagens que banalizam a morte e que fazem a justiça à sua maneira são os mesmos que choram após cometerem o primeiro assassinato de suas vidas, como Pacho no conto “Noite de matar um homem”. São, além do mais, sensíveis admiradores das estrelas, como em “A voz do coração”.

Distanciando-se dos estereótipos disseminados pela literatura romântica, que construiu o centauro do pampa ou monarca das coxilhas, o gaúcho da obra de Sergio Faraco se move neste ambiente promíscuo onde o ser fronteiriço, repleto de contradições e incongruências, é um reflexo de seu meio. Ao falarmos da queda dos estereótipos culturais estamos falando do que Ángel Rama chamou “o novo regionalismo” da América Latina - quando os valores e comportamentos tradicionais que dão singularidade a uma cultura são abalados e ganham outros significados (2004,p.288).

A regionalidade existente nas narrativas do contista alegretense surge como fruto deste movimento feito pela figura do gaúcho que, de um tipo valente, destemido, hospitaleiro e grande cavaleiro passa a ser representado também com todas suas pequenezas, sua frieza, egoísmo, medos e fracassos. Esta regionalidade é também resposta à proposição aculturadora que o modernismo trazia nas primeiras décadas do século XX, e que se constituiu, primeiramente, como uma retirada defensiva no seio da cultura regional. Posteriormente, a regionalidade passou a assumir o desejo de reexaminar de forma crítica as condições peculiares de sua própria cultura e a autenticidade de seus recursos expressivos.

Este panorama, onde se insere Faraco ao rearticular a figura do gaúcho, aproxima-o do conceito de transculturação narrativa de Rama. Seu gaúcho não é simplesmente a negação do

elemento romântico, mas uma mistura que surge como resposta à onda modernizadora do campo e em que se geram os três focos de ação mencionados por Rama: repleto de destruições, reafirmações e absorções, este gaúcho é a uma só vez corajoso e retraído, hospitaleiro e vingativo, aguerrido e sentimental.

A regionalidade dos contos de Faraco, desta forma, apresenta a figura do gaúcho que habita em um ambiente fronteiriço em que a modernização transformou as relações humanas e a forma de vida mesmo nos rincões mais afastados. Pablo Rocca(2004) chama este tipo de narrativa de pós-gauchesca, por reajustar ou modernizar os meios expressivos da narrativa gauchesca de acordo com as transformações econômicas, políticas e sociais ocorridas no século XX. O gaúcho revolucionário deu lugar ao domesticado peão de estância, o campo aberto foi substituído pela cerca e os aglomerados de casas entraram no lugar dos solitários ranchos. Estes fatores, segundo Rocca, estariam condizentes com o projeto de reconstrução de uma coletividade rural em desaparecimento.

Esta comunidade, a nosso ver, tenta resistir a isto e percebe que a sobrevivência só é possível quando o homem aproxima-se de seu lado mais animal, instintivo, e passa a enxergar-se como coadjuvante em um ambiente indômito.

As relações destes contos com a realidade do ambiente de fronteira latino-americano são inegáveis. O precário desenvolvimento urbano nas cidades periféricas é até os dias de hoje evidente para qualquer viajante que percorra o pampa gaúcho, região predominantemente rural. O retrato que resulta das narrativas de Faraco não é de forma alguma bucólico. O contista nos traz o gaúcho desmistificado, bem diferente do herói cantado nas músicas tradicionalistas. Ele é pobre, contrabandista, precisa roubar para viver e matar quando for preciso. Sua miséria é, mais que tudo, cultural. Mas não devemos julgar ou criticar tal posição. Analisando brevemente a história da região, percebemos como desde sempre ela foi marcada pela violência e pela presença de autoridades inquestionáveis que mantinham a ordem social. A modernização ocorrida no século XX trouxe consigo a exclusão social daqueles que não se adaptaram, o que de certa forma uniu ainda mais as regiões de fronteira da América do Sul. Ou melhor, como diria Raul Antelo (2006), a exclusão social acabou por configurá-las novamente, transformá-las, em espaços não apenas nacionais e territoriais, mas também teóricos.

E, se em todas as narrativas aqui analisadas o autor não se detem a desenvolver os conflitos psicológicos de seus personagens, isto não implica em falta de impacto no leitor. O gaúcho ainda é um guerreiro, mas de outra espécie: guerreiro pobre, que permanece às margens da sociedade e tem o mundo repleto de cercas lhe impossibilitando a passagem - que antes era livre.

A fronteira é território vagamente indefinido, onde o homem precisa sempre resistir, passar por provações e ritos de passagem para ser capaz de enfrentar a travessia e construir sua identidade, sem poder de modificar seu injusto destino. Sandra Pesavento (2004) observa que, além de ser o território de indivíduos histórico e socialmente marginalizados, as fronteiras

não são apenas marcos divisórios construídos, que representam limites e estabelecem divisões. Elas também induzem a pensar na passagem, na comunicação, no diálogo, no intercâmbio. Figurando um trânsito não apenas de lugar, mas também de situação ou de época, essa dimensão da fronteira aponta para a instigante reflexão de que, pelo contato e permeabilidade, a fronteira possibilita o surgimento de algo novo, híbrido, diferente, mestiço, de um terceiro que se insinua nesta situação de passagem(Pesavento, 2004,p.110)

Desta forma, pensar em fronteiras significa trazer à tona diferentes modos de perceber a vida e diferentes sensibilidades. Ao analisarmos os contos de Sergio Faraco, o que se sobressaiu foi a condição de miséria cultural e econômica dos protagonistas que, ignorantes de

sua condição, tornam-se vítimas de um sistema autoritário ao qual tentam de todas as formas resistir, mas, acima de tudo, do qual não é possível escapar.

Bibliografia

- Bittencourt, Gilda Neves da Silva. (1999). *O conto sul riograndense*, Porto Alegre, UFRGS.
- Faraco, Sergio.(2004) *Contos Completos*, 2.ed, Porto Alegre, L&PM.
- Filipouski, Ana Mariza Ribeiro.(2003) “Identidade e construção do imaginário regional em Dançar tango em Porto Alegre”. In: *Ciências & Letras. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras*. Jul/dez.2003.p.:193-201.
- Golin, Tau. (2004). *A fronteira*, Porto Alegre, L&PM.
- Kahmann, Andrea C.(2011). “O conto de Sergio Faraco e o entre-lugar do gaúcho”. *Anais do II Colóquio Filosofia e Literatura: fronteiras*. São Cristóvão, UFS.
- Masina, Lea.(2004). “Alcides Maya, Cyro Martins e Sergio Faraco: tradição e representações do regional na literatura gaúcha de fronteiras”. In: Chiappini, Ligia y otros (org.) *Pampa e Cultura – de Fierro a Neto*,Porto Alegre, UFRGS.p.95-108.
- Masina, Lea (1994). “Um escritor na travessia de culturas”. *Percursos de leitura*, Porto Alegre, Movimento, p.71-79.
- Pozenato, José Clemente.(2003) “Algumas considerações sobre região e regionalidade”, *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*,. Caxias do Sul, EDUCS.
- Rama, Ángel.(2001) *Literatura e Cultura na América Latina*, São Paulo, EDUSP.
- Rocca,Pablo. (2004). “A narrativa pós-gaúchesca: .Limites e abrangências de um discurso”. In: Chiappini, Ligia, y otros (org.) *Pampa e Cultura – de Fierro a Neto*,.Porto Alegre, UFRGS,p.77-94.
- Schwartzman, Simon. *Bases do Autoritarismo Brasileiro*. Disponible en < http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/62_Cached.pdf>.